

## **Prazer feminino: esse des(conhecido)**

Julia da Silva Araujo

### **Introdução**

Vivemos em uma sociedade hedonista em que o prazer é a medida. Diante das mudanças culturais a que estamos submetidos, cabe rediscutir a questão do prazer feminino, valendo-se de outras postulações e conhecimentos. São tempos de experimentação intensa da sexualidade, em um novo ambiente cultural, com erotização da sociedade, e onde esse erótico desafia as categorias de classificação de sexo, de gênero e de orientação sexual. Dado que a sexualidade está no campo das pulsões, e essas não têm objeto definido, não há uma forma única de vivenciar a sexualidade. Temos o fenômeno da mercantilização dos prazeres pelas plataformas digitais, com intensa propagação de pornografia, o que traz novas formas de apropriação do corpo e de construção de subjetividades. Esses modos de subjetivação do amor, do prazer e suas expressões são uma articulação entre o biológico e o cultural. O artigo não pretende discutir as questões de gênero dissidentes, práticas sexuais ou prazer em suas variantes. Nossa reflexão se encontra formulada com base no órgão sexual feminino, em sua configuração determinada biologicamente e sua repressão, independentemente do objeto pulsional de desejo.

### **O sexual, o sexo e a sexualidade**

Para Foucault (2011), a sexualidade é uma construção histórica e social, moldada no interior de uma produção discursiva, por meio de técnica de poder com efeitos que podem ser de recusa, incitação, desqualificação, proibição do sexo e das suas práticas, transformadas em normas e instituições.

A Sociologia trata a sexualidade como uma esfera específica do comportamento humano, que compreende atos, relacionamentos e significados, portanto, uma construção sócio-histórica com um papel importante na legitimação das relações entre os sexos e na ordem das gerações. Tem limites móveis: podemos pensar sobre o mito do desejo incontido dos homens e a ignorância sobre

isso, das mulheres que aparecem como seres passivos, à mercê do desejo masculino, decorrentes da lógica de socialização de gênero, distante da esfera sexual (Bozon, 2004). Assim,

(...) os saberes, representações e conhecimentos sobre a sexualidade e, de maneira geral, as próprias disciplinas relativas à sexualidade são produtos culturais e históricos que contribuem para moldar e modificar os cenários culturais da sexualidade e a fazer acontecer ou até mesmo fixar, aquilo que descrevem. (Bozon, 2004, p. 14)

Portanto, são as organizações do pensamento e das práticas que se tornam paradigmas.

Segundo Webster (2025), vivemos sob a demanda de otimizar nossa vida sexual pela busca de uma estabilização. Isso contraria as formulações freudianas de que a sexualidade é singular para cada sujeito e vai além do instinto e do prazer, conduzida pela força desorganizadora do desejo; um campo de inquietação, o qual não pode ser interpretado pela necessidade biológica ou da vontade consciente, pois, o sexo é desorganizador, sendo uma ilusão tentar organizar seu excesso, independentemente da solução ou satisfação escolhida, que pode ser centrada no corpo, na educação, no consumo, ligada a expressão artística ou invenções científicas. As soluções serão sempre parciais, por certo tempo, para um determinado sujeito ou lugar social. Dado o temor de sermos incapazes de frear nosso desejo de forma segura, corremos o risco de nos perdermos em controles, ocultações ou violências.

Dentro da perspectiva de que o sexo é desorganizador, os estudos de Shalev e Yerushalmi (2009) constataram a marginalização da sexualidade na teoria e na prática psicanalíticas. Concluíram que, mesmo entre terapeutas que se utilizam da abordagem psicanalítica, a sexualidade é encarada como uma defesa ou como um impedimento para a abordagem de questões mais profundas e difíceis, por parte do paciente, ficando a sua interpelação restrita a práticas sexuais, confundindo sexualidade com relacionamentos íntimos. Com frequência, os terapeutas se sentiram hostilizados, abusados por seus pacientes ao tratar do tema, restando uma tendência a evitar abordar tais questões por desconforto pessoal do profissional. Da mesma forma, Blestcher (2017) identifica também uma dessexualização progressiva do *corpus* psicanalítico que encobre uma sexualidade impulsiva, disfuncional e agressora, no registro do desejo, da demanda e do narcisismo

Dentro dessa premissa, Zupancic (2023, p. 17) refere que, resta à prática psicanalítica, a mesma lógica que há na exposição sobre o tema na mídia: “uma redução sistemática da noção de sexualidade a (diferentes) ‘práticas sexuais’ como constituindo uma ‘relação sexual’ cercada por insinuações sexuais obrigatórias, isto é, por um vasto oceano de sentidos sexuais”. A autora postula que o desconforto com a sexualidade teria relação com a proximidade e contiguidade entre a sexualidade infantil e a adulta.

Laplanche (2015) utiliza a expressão “o Sexual”, como o objeto da psicanálise, por se tratar da fundamental descoberta freudiana, qual sejam: o recalque, o inconsciente e a fantasia. O Sexual, como múltiplo e polimorfo, refere-se ao Sexual, predominantemente ligado a fantasia, mais que ao objeto, uma sexualidade não incluída na reprodução sexuada, Portanto, o Sexual não é o sexuado; é essencialmente o sexual perverso infantil. No subtítulo “Indicação do infantilismo da sexualidade”, este, busca semelhanças e contiguidades entre prazeres da sexualidade infantil e os prazeres perversos, e afirma que são também característicos da vida sexual normal.

No texto “Os Instintos e suas vicissitudes”, Freud (2006d, p. 137) refere-se aos destinos da pulsão, e as fases do desenvolvimento psicosexuais e observa que:

A acentuada ambivalência instintual no ser humano que vive nos dias atuais pode ser considerada como uma herança arcaica, pois temos motivos para supor que o papel desempenhado na vida instintual pelos impulsos ativos em sua forma inalterada foi maior nos tempos primevos do que é em média hoje em dia.

Em que as três polaridades da mente estão ligadas, umas às outras, de diferentes formas, coincidindo com catexização do Ego, de maneira autoerótica ou objetal, nas circunstâncias ativo/passivo ou prazer/desprazer, e seus inúmeros desdobramentos. Os impulsos instintuais estão sujeitos a influências dessas três polaridades e, por conseguinte, essas ambivalências vão se expressar em todas as dimensões da vida humana, incluída a sexualidade.

O núcleo do inconsciente pulsional é o originariamente reprimido. O primeiro tempo da vida psíquica é o tempo da inscrição da sexualidade, quando se instala a pulsão, assim, a sexualidade é primordial no humano. O sexual faz parte do inconsciente no campo das pulsões, sem articulação com gênero, com a diferença e sem distinção entre homem/mulher, masculino/feminino, lugar onde não há lógica ou negação, no qual, o que existe de mais variável

da pulsão é o seu objeto. A sexualidade pulsional é irreduzível a qualquer padronização, pois é singular a cada sujeito. Não está submetida a qualquer forma de domesticação, reverberando nas formas de constituição psíquica em suas particularidades, tensões e conflitos. Contudo, Freud (2006i) não deixa de mencionar que as mulheres, por não serem portadoras de pênis, estariam em uma posição depreciada, causadoras de horror ou inclinadas à homossexualidade.

### **A proibição do prazer**

A civilização cristã orientou a sexualidade para a reprodução, não para o prazer, pois, desde as primeiras doutrinas, sobretudo ao final do século IV, já existia uma associação entre sexualidade e pecado, e a reflexão sobre o comportamento sexual dos casais. O Concílio de Trento (1543-1563), que reafirmou dogmas da Igreja Católica, reforçou que o casamento, a fidelidade e a procriação garantem o uso correto e adequado da libido. O casamento regula o ato sexual, contra a força avassaladora da libido, tornando-se um remédio para o sujeito lidar, consolidando o imaginário monogâmico e heterossexual, os quais são organizadores e estabilizadores privilegiados da sociedade, isto é, marcadores que criam categorias, indicando quem faz parte e quem é excluído desta sociedade. O ato sexual, dependendo de como se dá, ou do objeto de prazer, pode ser considerado um fato de desqualificação ética. A busca de prazer entre os cônjuges era proibida e considerada “fornicação”, que todos deveriam evitar. O cristianismo universalizou as práticas de si, e o comportamento sexual se transformou em uma preocupação moral. Atribuiu funções exclusivamente procriadoras, desqualificou as relações entre as pessoas do mesmo sexo, exaltou a abstinência, a castidade e a virgindade. Portanto, colocou o prazer no campo da morte e do mal, e, portanto, do pecado, do qual todo sujeito deve ter a virtude de se desviar para ganhar o céu, determinando códigos de comportamento e formas de subjetivação (Foucault, 2011, 2012).

Nas sociedades antigas, havia a ideia de que a mulher detinha o poder biológico e aos homens foi atribuído o poder cultural. A noção contemporânea de que os homens desejam sexo e as mulheres querem relacionamentos, é inversa à noção que predominou desde a antiguidade até o pré-Iluminismo, segundo a qual, ligava a amizade aos homens e a sensualidade às mulheres, tidas como possuidoras de uma sexualidade desmedida. As mulheres eram consideradas seres sedutores e desprovidos de razão (Laqueur, 2001). Na Idade Média, durante a Inquisição, muitas mulheres foram julgadas e condenadas à fogueira, por acusações de bruxaria. A prova dessa concepção,

temos, no *Malleus Maleficarum*, o manual usado pelo inquisidor para a condenação das mulheres consideradas feiticeiras. Os autores Kramer e Sprenger (2004, p. 15) citam, nos parágrafos a seguir:

4) E como as mulheres estão essencialmente ligadas à sexualidade elas se tornam as agentes por excelência do demônio (as feiticeiras). E as mulheres têm mais convivência com o demônio porque Eva nasceu de uma costela torta de Adão, portanto nenhuma mulher pode ser reta.

5) A primeira e maior característica, aquela que dá todo o poder às feiticeiras, é copular com o demônio. Satã é, portanto, o senhor do prazer.

Para Laqueur (2001), em termos biológicos, até o século XVIII, o pensamento ocidental não foi capaz de representar a sexualidade humana como bipolar e originalmente dividida entre sexualidade masculina e feminina. Durante milhares de anos, a mulher era considerada um homem invertido. As representações nos desenhos de anatomia se referiam sempre a um corpo masculino. A concepção vigente era da existência de apenas um sexo. Os órgãos sexuais femininos estavam no interior do corpo; e os dos homens eram exteriores. O útero era o escroto feminino, os ovários eram os testículos, a vulva um prepúcio e a vagina era um pênis interno. Esse modelo somente foi substituído entre os séculos XVIII e XIX. A mulher deixa de ser tratada como um homem invertido e passa a ser considerada o oposto do homem.

Segundo Laqueur (2001), somente com o Iluminismo, o orgasmo feminino foi desvinculado da procriação, pois, até então, acreditava-se que seria necessário o encontro entre a semente masculina e a semente feminina, a qual seria liberada durante o coito, após o orgasmo feminino. Em decorrência dessa descoberta, houve uma mudança no significado do que seja a diferença sexual e, no final do século XVIII, passou-se a acreditar que as mulheres não se importavam com prazer sexual e “a presença ou ausência do orgasmo tornou-se um marco biológico da diferença sexual” (Laqueur, 2001, p. 16). Surge, então, um modelo de mulheres sem paixão, em profundo contraste biológico com os homens, quanto ao prazer e ao erotismo. Essa independência da concepção em relação ao prazer criou o espaço, no qual a natureza sexual da mulher passou a ser debatida, redefinida, negada ou qualificada.

### **A descoberta do clitóris**

Em 1559, não sem controvérsia sobre a autoria, Colombo Renaldus anunciou ter descoberto o clitóris e afirmou tratar-se “ímminente ponto de prazer da mulher”, que, se tocado, fica entumecido, tal um pênis masculino (Laqueur, 2001, p. 90). Todavia, essa questão fica esquecida, reaparecendo após 1900, com Freud, e com os estudos constantes dos relatórios de Masters e Johnson, como uma grande revelação científica de que o orgasmo feminino é basicamente clitoriano. Vasta documentação comprova que estas questões sobre o prazer clitoriano era do conhecimento das parteiras do século XVII, pois eram as conselheiras das outras mulheres sobre sexualidade. Dessa forma, essa descoberta poderia violar as leis de gênero, pois, no final do século XVII, a mulher que fizesse o papel de ativo, no ato sexual, pela fricção do clitóris, era considerada uma “tríbade”, violaria o lugar na ordem social vigente e, portanto, o pacto civilizatório (Laqueur, 2001). Entretanto, essa descoberta é tratada como insignificante e foi ignorada. Um tempo depois, assemelhado ao pênis, o clitóris permaneceu como uma ausência, cicatriz da castração, o pênis imperfeito da mulher, incluindo a construção fantasiosa da lésbica, como homem invertido, cujo clitóris esteve associado, ao mesmo tempo, ao prazer excessivo e inepto para a reprodução (Malabou, 2021).

*Siglo XXI. Frente a un público masculino boquiabierto, una ginecóloga explica cómo se comporta el clítoris durante el amor al contacto con vergas, consoladores, dedos, lenguas, cómo se mueve, qué postura adopta en el momento de la penetración o la caricia.<sup>4</sup> Cómplice de la vagina, compañero de equipo. Pero también gozador solitario. Movido por una doble orientación erótica. Balanceo, cuando acompaña los movimientos de la vagina penetra da. Endurecimiento, cuando se eleva como una cresta. A veces, los dos al mismo tiempo. A veces, uno sin otro. Sin detenerse ni en uno ni en otro, el clítoris desconcierta las dicotomías (Malabou, 2021, p. 12).*

Essa dupla orientação erótica do clitóris, referida pela autora, passou despercebida. Sendo assim, evitou-se confrontar esse conhecimento com as normas de heterossexualidade (Malabou, 2021).

Baseado em Laqueur (2001), outra questão, que pode nos dar pistas sobre a incongruência de gênero, já naquele passado longínquo, é sobre os relatos de mulheres que se passavam por homens, ou se tornavam um deles, e era assunto dominante, no início do século XVII:

Na Holanda, houve o exemplo de Henrika Schuria, uma ‘mulher de comportamento masculino, que se cansou do seu sexo’. Ela vestia-se como homem, alistou-se no exército e assumiu seu novo papel, até ser apanhada agindo como homem durante uma relação sexual. Quando voltou da guerra foi acusada de ‘desejo imoral’. Schuria foi julgada e condenada à fogueira, escapando desta por reversão da pena em exílio e circuncisão de seu clitóris. (Laqueur, 2001, p. 173)

O pensamento ocidental excluiu o clitóris de suas narrativas sobre sexualidade, apesar de se tratar do único órgão que serve apenas para o prazer. Na mitologia grega, há relatos de górgonas, figuras dotadas de clitóris volumosos, condenadas à masturbação perpétua. Dessa forma, a mutilação genital feminina surgiu como terapêutica para castrar essas mulheres e acalmar seu ardor infinito. A secção do clitóris está presente em todas as culturas, não somente na África. No Ocidente, era utilizada como terapia para a histeria e ninfomania, para controlar suas sensibilidades eróticas (Malabou, 2021).

A negação do protagonismo teórico, do qual o clitóris é objeto, em comparação com outras partes da vulva e sua fetichização, explica-se pelo fato de simbolizar a independência do prazer feminino, considerando as mulheres como sujeitos sexuais “que deixam de ser casadas com o pênis ou com a Lei” (Malabou, 2021, p. 39). Atualmente, a existência do clitóris é afirmada em termos anatômicos, simbólicos e políticos, por meio de uma diversidade de perspectivas, práticas e gestos militantes e culturais.

Segundo Martins (2024), dado que a vulva é considerada uma amputação do pênis, a autora questiona a centralidade fálica na psicanálise e afirma ser necessário falar sobre a vulva, além da anatomia e da linguagem, de forma que se desprenda do falocentrismo e da misoginia. Propõe uma nova linguagem, que denominou “vulvônica”, para enfrentar a misoginia e favorecer o descentramento fálico. Uma linguagem que proporcione novas descobertas estéticas e linguísticas, pois, camadas labiais, detalhes clitorianos e orifício vaginal são complexidades que exibem sua

densidade erótica. Sabemos que, historicamente, discute-se em quais desses espaços da vulva se dá o prazer feminino. A vulva foi exaltada em culturas antigas, como órgão que promovia a fertilidade, força e alegria. Seu apagamento teve o ápice na perseguição às bruxas, e continuou na Era Moderna, quando as mulheres foram transformadas em esposas submissas. Essa centralidade fálica já havia sido questionada por Karen Horney, em 1933, pelo texto denominado “recusa da vagina”.

### **A psicanálise, o feminino e a sexualidade**

Com base em Freud (2006c), a sexualidade é colocada em lugar central como elemento para atingir a verdade do sujeito. Essa não é mais uma questão moral, porém, é marcada pela distinção entre o normal e o patológico. A teoria da libido, em Freud (2006c), diz respeito a todas as partes do corpo. Todos os órgãos são passíveis de excitação: é a energia da pulsão sexual. A pulsão é múltipla, possui vários ritmos e sons, tem a ver com a plasticidade da libido. Freud abandona a tese da libido ter natureza masculina e afirma não ser, nem masculina, nem feminina. Laqueur (2001) afirma que Freud, como contemporâneo do biologismo do século XIX, postula a existência de dois sexos com órgão e fisiologia distintas, cuja adaptação evolucionista garante a perfeita adaptação ao coito heterossexual e “no final, o mito cultural dos orgasmos vaginais é contado na linguagem da ciência” (Laqueur, 2001, p. 287).

O mesmo Freud (2006h), que colocou o sexual como centro da constituição do humano, não reserva, ao feminino, o lugar do prazer, mas do masoquismo e da passividade. Não faz alusão a vulva, apenas a vagina, como orifício. Considera o clitóris como principal zona erógena apenas na fase fálica da menina. Esta tem uma difícil resolução edípica com sua mãe, é consumida pela inveja do pênis e com tendências homossexuais em razão de sua relação de proximidade com a mãe (Freud, 2006e). Outro destino é a inibição sexual. A feminilidade normal só será conseguida, quando a mulher se tornar mãe, pois este é o destino exclusivo para a realização dela. Freud criou um dos maiores mitos sobre o orgasmo feminino ao afirmar que o orgasmo vaginal é superior ao orgasmo clitoriano. Por isso, o orgasmo feminino foi construído na dependência do corpo masculino, isto é, na dependência da penetração.

Para Birman (2022), o discurso freudiano sobre o feminino é atravessado por inúmeras contradições e ambiguidades, pois este considerava que a obra civilizatória é produzida pelas vias da maternidade. Ao confrontar-se com as demandas do desejo e do erotismo das mulheres, tais vias

se tornam obstáculo a esse mesmo processo, estabelecendo-se uma contradição conceitual sobre o sujeito feminino. Uma oposição entre maternidade e desejo: de suporte da construção civilizatória, transforma-se no seu destruidor. Outra questão fundamental para o funcionamento do psiquismo das mulheres é a inveja do pênis, ou seja, elas têm que lidar com sua inferioridade genital e a busca pelo falo. Na impossibilidade de ter o falo, a mulher cria o engodo de que teria o falo inscrito em todo seu corpo, e que, pela sedução e pela beleza, seduziriam os homens. Assim, o falo circularia entre o corpo feminino e o pênis masculino, possibilitando o gozo e a instauração da diferença sexual. No entanto, a privilegiada posição, atribuída ao pênis, está inscrita na trama do complexo edípico, em que estariam definidas a diferença entre os sexos, de gerações e as identificações sexuadas. Dessa forma, a inveja do pênis, este, como objeto especial, naturaliza uma posição hierárquica de superioridade masculina em relação ao feminino, em termos psíquicos, como algo essencialista, ou seja, faz parte da ontologia dos seres. Como consequência dessa hierarquia, entre ter o falo ou ser o falo, resta, a mulher, fazer-se feminina pela maternidade, pois, somente dessa forma seria mulher de verdade. Resultou em uma mulher polarizada, entre a maternidade e o erotismo, este, concebido como inerentemente perigoso pelo temor de desordem que representa, pois, a figura da mulher possuída pelo desejo é considerada obra do mal ou desvio social.

Por isso, o erotismo foi “escorraçado” do espaço familiar e passou a ser legitimado no espaço público, visto que, ao homem, diferentemente da mulher, é permitido viver o duplo exercício erótico e reprodutivo. As demandas eróticas masculinas passaram a ser atendidas no espaço social, em territórios destinados à prostituição e com regulação e vigilância do Estado. O desejo e reprodução passaram a ocupar espaços diferentes. Portanto, o erotismo é vivenciado fora do espaço familiar (Birman, 2022).

Foram os homens que disseram como se constrói a sexualidade das mulheres, como seu corpo funciona e como acontece seu desejo.

A sexualidade feminina sempre foi pensada a partir de parâmetros masculinos. Assim, a oposição da atividade viril clitoridiana com a passividade vaginal feminina, da qual fala Freud – e muitos outros – como estágios, ou alternativas, do tornar-se uma mulher sexualmente ‘normal’, parece exigida em demasia pela prática da sexualidade masculina. (Irigaray, 2018, p. 61)

É o clitóris, percebido como um pequeno pênis atrofiado, aceito temporariamente para a masturbação, até que a ansiedade de castração não se faça presente, e que a vagina assuma seu lugar como invólucro do sexo masculino. Portanto, as zonas erógenas femininas seriam apenas um sexo-clitóris, um não sexo, que não resiste à comparação com o valoroso órgão fálico. Dentro desse contexto, na concepção de relação sexual, o prazer feminino é tratado como se não existisse. Resta à mulher, tentar se apropriar, por várias formas: submetendo-se ao masculino, tendo um filho. Logo, a mulher somente viveria seu desejo com a expectativa de “possuir finalmente um equivalente do sexo masculino” (Irigaray, 2018, p. 62).

Tudo isso é estranho ao prazer feminino, a menos que ela continue na economia fálica. Porque as mulheres possuem um autoerotismo diferente do erotismo masculino. Os homens precisam de um instrumento para se tocar, seja a mão, o sexo da mulher ou a linguagem. A mulher toca-se, a si mesma, continuamente, sem a necessidade de mediação ou distinção entre atividade e passividade, porque a estrutura anatômica é feita “de dois lábios que se beijam continuamente. Assim, nela, ela já é dois – mas não divisíveis em um(ns) – que se acariciam” (Irigaray, 2018, p. 62). Esse autoerotismo é suspenso pela separação por um pênis ereto, símbolo da rivalidade entre os machos. A mulher, nesse imaginário sexual, é transformada em apoio à realização das fantasias masculinas. Possivelmente, a mulher encontra prazer por procuração, oferecendo seu corpo a um desejo que não é seu, e transformada em objeto para o prazer masculino. Portanto, o desejo da mulher tem uma linguagem e uma lógica diferente daquela do homem.

A cultura sexual patriarcal, por sua concepção reprodutora, criou, para a mulher, o modelo do prazer vaginal. O qual Freud (2006a) concebia como testemunho da maturidade sexual feminina, o abandono do prazer clitoriano. Então, o prazer feminino é tributário do prazer masculino; não tem autonomia; e a mulher é considerada metade complementar ao homem e motivo da existência deste.

Nesta lógica, a prevalência do olhar e da discriminação da forma, da individualização da forma, é particularmente estranha ao erotismo feminino. A mulher desfruta mais do tocar do que do olhar, e sua adesão a uma economia escópica dominante significa para ela, novamente, uma sujeição à passividade: ela será o belo objeto a ser observado. Se o seu corpo se encontra erotizado deste modo, e solicitado a um duplo movimento de exibição e de retraimento pudico

para excitar as pulsões do ‘sujeito’, e o seu sexo representa o horror do nada a ver. Uma falha neste sistema de representação e desejo. (Irigaray, 2018, p. 63-64)

Considerado não sexo, a vagina se resume a uma cavidade. O sexo da mulher encontra-se ausente, dissimulado, aderido à sua fissura, e seu prazer é negado por uma cultura que privilegia o falomorfismo. Esse valor é atribuído por uma configuração que bloqueia e nega todas as formas de manifestação por outros órgãos que fariam parte do autoerotismo feminino (Irigaray, 2018).

A mulher não tem apenas um sexo, tem, pelo menos, dois, e uma sexualidade, no mínimo, dupla. Não precisa escolher entre atividade clitoridiana ou a passividade vaginal. São prazeres concorrentes, não precisa um substituir o outro. Existem mais alguns prazeres especificamente femininos, desconhecidos na diferença sexual, que são despertados, na intimidade, pelo tato e pelo toque. Por conseguinte, podemos falar em histerização de todo o corpo feminino. A mulher retira prazer de forma diversificada, complexa, dada as suas múltiplas zonas erógenas. É o outro de si própria. Esse imaginário feminino é rejeitado, excluído, não reconhecido, colocando as mulheres sujeitas aos modelos masculinos de sexualidade, dissonante do modelo feminino, este, só podendo aparecer, às escondidas, de forma culpada. Não é reconhecida a singularidade do prazer feminino, fruto de históricos sistemas de opressão exercidos sobre a mulher. Com uma identidade social degradada, já que se tornou valor de uso e de troca entre os homens, uma mercadoria, tal como a terra, desde os primórdios da humanidade, reatualizado em cada momento histórico. Discutir outras formas de prazer feminino e o reconhecimento do erótico na vida das mulheres são vistos como ameaças ao mundo masculino (Irigaray, 2018).

Passa pela invisibilidade, a ideologia da supremacia masculina que constrói o discurso da inferioridade, da fraqueza e da passividade da mulher, por tratar a sexualidade feminina, ora como inexistente, ora como um perigo para o social.

*La ideología de la diferencia sexual opera en nuestra cultura como una censura, en la medida en que oculta la oposición que existe en el plano social entre los hombres y las mujeres poniendo a la naturaleza como su causa. Masculino/femenino, macho/hembra son categorías que sirven para disimular el hecho de que las diferencias sociales implican siempre un orden económico,*

*político e ideológico. Todo sistema de dominación crea divisiones en el plano material y en el económico. (Wittig, 2006, p. 22)*

A heterossexualidade precisa ser compreendida como uma norma obrigatória e uma instituição política, que busca anular a autonomia das mulheres nos planos sexual, emocional, material e simbólico. Não pode ser compreendida apenas como uma prática sexual, mas como um sistema político, respaldado pelas leis, pela religião, pelas imagens midiáticas, enfim, pela cultura. Resulta a ideia de que as mulheres pertencem aos homens, incluindo seu corpo, podendo usá-lo como objeto de exploração, seja para o trabalho, seja para violências sexuais, culminando com o feminicídio (Wittig, 2006).

A vida erótica das mulheres sempre esteve sob a ótica de proibições e tabus, incluídos os tabus da virgindade, como valor sexual, e do defloramento, dentre outros. Todos no sentido de organizar os interesses da vida civilizada. O mesmo não se aplicou aos homens, de forma geral, visto serem favorecidos pelo duplo padrão de comportamento masculino, para quem as virtudes de moderação sexual são flexíveis. O corpo feminino, como propriedade, pode ser observado nas questões da virgindade transformada em uma virtude moral pelas três principais religiões monoteístas do Ocidente, que prevaleceu até a Idade Média, quando começou a ser desmistificada pelo Iluminismo. A violação da virgindade era considerada crime contra o patrimônio, passível de ressarcimento econômico aos prejudicados (Knibiehler, 2016).

### **Socialização: culpa e fragilidade**

Mizrahi (2003) afirma que séculos de história recriam mensagens de orgulho masculino nos mitos, nas leis, na literatura e nas ciências. De outra parte, a mulher é herdeira de uma moral inquisidora. Para tanto, enumera frases e textos, desde a antiguidade, atribuídos a inúmeros filósofos e pensadores, com referências desqualificadoras em relação às mulheres. Desde Pandora, a portadora de todos os males, segue-se a tradição judaico-cristã, que incutiu, nas mulheres, a culpa do mito do pecado original, responsável pela queda de Adão do paraíso. A culpa é um instrumento cultural para neutralizar as mulheres como sujeitos autônomos, utilizada como uma arma de domesticação, tornando-as frágeis e vulneráveis. Divididas e desnaturalizadas, por meio de uma

ruptura entre poder e ato, entre mundo interior e mundo exterior, entre o privado e o público, entre o pessoal e o político.

A repressão imposta é internalizada e adquire um peso maior que a realidade externa. Torna-se uma culpa indefinida e reificada. Trata-se da subjetivação da totalidade repressiva. Ao fetichizar a culpa, é conferida, a ela, uma legitimidade maior ao mundo interior que a realidade externa. Essa desproporção entre realidade interna e externa cria seres precários, imaturos, desempoderados, construindo férreas conspirações contra si mesmos. Isso se dá por meio de autoexigências persecutórias ou idealizadas, ou, ainda, sobreadaptadas, muitas vezes com um senso de debilidade, que faz sentir o mundo vivido ser inatingível e parecer não lhe pertencer. Tudo isso gera um estímulo à dependência e à culpa, dando continuidade e sustentação ao sistema opressor, cuja única alternativa de rompimento seria desmistificar essa moral inquisidora (Mizrahi, 2003).

A maternagem realizada pelas mulheres, aliada à falta de disponibilidade emocional dos homens para as relações familiares, pois são as mulheres quem mediam os conflitos, faz com que os filhos, meninos ou meninas, identifiquem-se com esse padrão de ocupação e responsabilidade nos espaços públicos e privados, contribuindo para a manutenção do *status quo* desse modelo de distribuição de papéis sociais e emocionais, confundidos com formas de sofrimento autoimposto pelas mulheres, qual seja, o masoquismo, que, para algumas mulheres, pode ser encarado como virtude (Chodorow, 2002).

Anzieu (1992), ao discutir a formulação de Freud (2006h) do masoquismo, como expressão do ser na mulher, na forma de angústia de castração, fantasias masoquistas e inveja do pênis, propõe que a condição feminina exaspera o sexo masculino e leva o homem a construir defesas contra a imagem feminina concebida como propagadora da castração e da morte, impondo às mulheres limitações no mundo social, baseado na força física em um superego supostamente frágil. A angústia provocada no homem pelo corpo feminino e seus mistérios faz o homem ter a necessidade de controlar sua sexualidade, assim como o desejo de a dominar.

### **A pornografia, a prostituição e o prazer feminino**

Para Bidaud (2023), há uma distinção entre os vocábulos erótico e pornográfico. O erótico seria constituído pela sedução e pela antecipação. É sexualidade transformada em imaginação. O pornográfico seria a sexualidade em sua crueza, sem passar pela palavra, buscando apenas o

orgasmo. O autor afirma que a visibilidade do corpo da pornografia, que circula na internet, escapa aos lugares sociais de disciplinamento, torna-se público e hipersexualizado, abrindo-se à multiplicidade de prazeres, práticas eróticas e sexuais, sem hierarquias entre elas.

Na primeira metade do século XX, a pornografia literária está limitada a textos eróticos de romances, assim como as revistas Playboy e Penthouse, dentre outras, que foram vendidas em envelope de plástico. Contudo, a imagem se torna rapidamente o principal veículo da pornografia. Iniciando-se nos primeiros anos de 1900, e continuando pelas décadas posteriores, a sexualidade, sob diversas formas, passa a ser apresentada em cena dos filmes, como prova do desejo e do prazer e, pouco a pouco, diminuiu a diferença entre filmes classificados como eróticos e os pornográficos. Esse aumento da pornografia leva a transformações mais amplas, por uma profunda ruptura nas representações do corpo e da sexualidade, incluindo a transação comercial do corpo sexuado e banalizando o corpo feminino desnudo, jovem, perfeito e possuidor de uma libido inesgotável. Nesses filmes, são reproduzidos atos sexuais não simulados, tais como felação, sodomia e posições e outros atos inovadores, desafiando o habitual e os tornando padronizados, por meio de novas formas de apropriação do corpo, tudo realizado por profissionais, com foco nos órgãos e na fisiologia sexual, de maneira estereotipada e sem relação afetiva ou pessoal (Sohn, 2009).

As feministas entendiam que, com a evolução da igualdade feminina, a prostituição, como exemplo de subordinação feminina, deixaria de existir. Todavia, uma nova ideologia e prática econômica dos tempos neoliberais, em que a tolerância da liberdade sexual convergiu com a ideologia do mercado livre para transformar a prostituição como um trabalho legítimo. Funcionando com base na indústria do sexo, tanto em nível local quanto internacional, a prostituição, antes um negócio quase artesanal, foi industrializada e globalizada, tornando-se um setor legal, respeitável e lucrativo, do mercado, incluído nas contas do PIB nacional em muitos países. No entanto, em outros, permaneceu ilegal e interconectada como um dos setores mais lucrativos do crime organizado. A autora compreende a prostituição como violação, como uma prática cultural nociva, que se desenvolve fundamentalmente pelo corpo das mulheres, oriundas de países periféricos ou de zonas de guerra, sem possibilidades de realizar escolhas, para o benefício dos homens. Incluindo o tráfico de pessoas, e ela está ligada a estratégias de consumo, exploração e lógicas análogas à escravidão (Jeffreys, 2011).

A pornografia, como dependente de acesso por trocas monetárias, inclui-se como uma forma de exploração sexual, porque a única diferença que tem em relação a outras formas de prazer

sexual é que é filmada (Jeffreys, 2011). A pornografia é uma realidade social que impregna a cultura contemporânea, com uma proposta de hipersexualização feminina. Dines (2023, p. 85) afirma que, “percorremos um longo caminho desde os dias em que a pornografia era vista como imagens obscenas para homens decadentes que não conseguiam uma mulher de verdade” e uma forma discreta e envergonhada, de revistas ou filmes, consumidos pelas classes populares em salas de cinemas, até ganhar legitimidade e transformar-se em um grande negócio do *mainstream*. Hoje, está em todos os lugares, a exemplo da cultura *pop*, sem limites entre esta e a pornografia, constituindo-se um negócio rentável para as inversões de empresas de diferentes setores. Esse negócio precisa ser compreendido como a comercialização da subordinação feminina, enquanto a indústria alardeia que fazer pornografia é uma maneira da mulher reivindicar a sua própria sexualidade e que a fazem porque “gostam de sexo e gostam de ser vadias”, com práticas que incluem forçar os limites do que é considerado aceitável, tanto legal quanto culturalmente (Dines, 2023, p. 106). Na concepção masculina, a legitimidade da prostituição e da pornografia deriva da sexualização extrema das mulheres.

A cultura de massas legitimou a pornografia e a prostituição no século XX, pelo neoliberalismo, sob o argumento da liberdade sexual, valeu-se, dado ao potencial econômico de promover a mercantilização da sexualidade feminina. Isso se dá pela moda, calçados, cinema e beleza, que são os construtores do capital erótico. Conseqüentemente, a pornografia e a prostituição fazem parte da economia política, que têm, nos homens, os grandes consumidores da sexualidade (Dines, 2023).

As novidades sexuais são oferecidas de maneira ininterrupta, por meio de performances eróticas, em vídeos, no acesso por webcams ou relações sexuais, de fato. Em 2 de junho de 2025, em seu anúncio, apenas em um site de acompanhantes, informa-se que o Brasil tem mais de 1,4 milhão de acompanhantes, e o setor movimenta até R\$ 5 bilhões, por ano, segundo a plataforma, ou seja, trata-se de um grande negócio (Fernandes e Andrade, 2025).

Esse modelo não é neutro, são discursos sociais que procuram legitimar formas de mercantilizar os corpos, criar padrões estéticos, novas práticas eróticas, novos modelos de corporeidade, cirurgias íntimas com modelações da vulva, depilações e procedimentos que procuraram tornar os órgãos femininos semelhantes aos infantis (Rohden, 2024).

O comportamento sexual coletivo é construído, valendo-se de referenciais masculinos, incluído o comportamento sexual das mulheres. “Os filmes pornô são centrados no pênis: o

trabalho das mulheres é excitar o homem, mantê-lo ereto e levá-lo ao orgasmo. O prazer sexual feminino nada mais é do que o reflexo do que o homem deseja, já que ela está ali para agradá-lo” (Dines, 2023, p. 112). Por isso, o centro da excitação é o desejo do homem por ela, porque, nas narrativas hegemônicas, sejam da pornografia ou na prostituição, a mulher é objeto, e não sujeito. Não está no campo do semelhante para o homem. A mulher não deseja responder ao desejo masculino por ela.

Para Freud (2006b), as escolhas de objeto, realizado pelos homens, concentram-se em alguns pressupostos: escolha amorosa pela rivalidade com uma terceira pessoa; ou a mulher virtuosa, a quem ninguém se compara em sua integridade sexual; ou a mulher que provoca ciúmes, que não seja confiável, que seja depreciada. Podemos formular a hipótese de que, a busca por pornografia esteja vinculada a concepção freudiana de que o homem só desenvolve potência completa quando se encontra com um objeto depreciado, visto estarem afastadas as correntes de afeição e de sensualidade, em que componentes perversos fazem parte na relação, com esse objeto sexual.

## **Concluindo**

A proposta não foi problematizar a narrativa sobre as práticas eróticas que constituem a pornografia, mas o uso econômico que é feito do corpo e do prazer feminino, pois há um discurso corrente de que essa exposição e o uso do corpo é a forma de empoderamento pessoal pelo direito de mostrar-se ao olhar e desejo alheio. Essa não é uma questão que tenha consenso entre os diversos grupos feministas, ainda que sejam outros tempos. E, ainda que tenhamos vivido a liberação sexual. O feminino e o prazer feminino continuam normatizados pelas regras masculinas, hoje, potencializados pelas plataformas digitais. As mulheres continuam socializadas para serem as princesas, à espera do príncipe. São formas de socialização que não romperão com paradigmas de dependência e submissão, que são consequências do que foi exposto, até aqui. Se houve um tempo em que, para as mulheres, foi negado o acesso à educação formal, hoje, temos outra realidade. Tivemos a liberação feminina, entretanto, os contratos sociais e sexuais continuam se

reproduzindo, sem a inclusão das mulheres. Mulheres não são sujeitos sociais autônomos, pois estão à mercê do discurso e do controle social masculino. Vivemos em um novo ambiente cultural, onde temos o mundo digital como meio para vivenciar, em grande medida, as emoções eróticas. A pornografia e prostituição são nichos, são divertimentos masculinos, que ajudam a estruturar e a criar um imaginário de um determinado tipo de homem e de mulher, por esse mercado do desejo. Faz, das mulheres, um grupo subserviente para ser explorado de forma exaustiva, incluindo as exigências de manter perfis idealizados de si próprias nas redes sociais. Temos novas formas de sensibilidades por essas mudanças tecnológicas. Dado aos desafios que nosso tempo nos impõem, faz-se necessária uma interpelação às teorias e às práticas psicanalíticas, nas quais temos o homem como sujeito primordial, como inteligível e, a mulher, como irrepresentável no Simbólico. São paradigmas que se tornaram naturalizados, porque se perderam de vista as suas origens históricas, e, como tais, tornaram-se isentos de críticas. Precisamos manter uma interrogação permanente dos conceitos para não ficarmos presos a modelos consolidados e à reprodução acrítica de respostas inadequadas. Entendemos que a sexualidade precisa ser vista com outros olhos, com outras concepções do feminino, dado que passamos também a habitar ecossistemas digitais e sabemos que as questões culturais influenciam a subjetividade.

## Referências

- Anzieu, A. (1992). *A mulher sem qualidade: estudo psicanalítico da feminilidade* (J. Pereira Neto, Trad.). Casa do Psicólogo.
- Bidaud, E. (2023). *Psicanálise e pornografia* (A. T. Pereira, Trad.). 7Letras.
- Birman, J. (2022). *Gramáticas do erotismo: a feminilidade e suas formas de subjetivação em psicanálise*. Civilização Brasileira.
- Blestcher, F. (2017). Psicoanálisis-y-genero-alegato-por-cierto-a-normalizacion. *Revista Psicoanálisis Ayer y Hoy*, (15). [www.elp psicoanálisis.org.ar/nota/psicoanálisis-y-genero-alegato-por-cierto-a-normalizacion/](http://www.elp psicoanálisis.org.ar/nota/psicoanálisis-y-genero-alegato-por-cierto-a-normalizacion/).
- Bozon, M. (2004). *Sociologia da sexualidade* (M. L. Menezes, Trad.). FGV.
- Chodorow, N. (2002). *Psicanálise da maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher* (2ª ed.) (N. C. Caixeiro, Trad.). Rosa dos Tempos.

- Dines, G. (2023). *Pornland: Como a pornografia sequestrou nossa sexualidade*. Caqui.
- Fernandes, F.; Andrade, A. C. (2025, junho 2). Fatal Model leva debate sobre o mercado de acompanhantes à capa de jornal. *Portal Leo Dias*. <https://portalleodias.com/noticias/fatal-model-leva-debate-sobre-mercado-de-acompanhantes-a-capa-de-jornal>.
- Foucault, M. (2012). *História da Sexualidade 2: O Uso dos prazeres* (13ª ed.) (M. T. C. Albuquerque; J. A. G. Albuquerque, Trad.). Edições Graal.
- Foucault, M. (2011). *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. (M. T. C. Albuquerque; J. A. G. Albuquerque, Trad.). Edições Graal.
- Freud, S. (2006a). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Um caso de Histeria: três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)*, (Vol. 7, pp. 119-229). Imago.
- Freud, S. (2006b). Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (contribuições a psicologia do amor I). In *Cinco lições de Psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos (1910)*, (Vol. 11, pp. 167-180). Imago.
- Freud, S. (2006c). O Inconsciente. In *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)*, (Vol. 14, pp. 171-190). Imago.
- Freud, S. (2006d). Os instintos e suas vicissitudes. In *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)*, (Vol. 14, pp. 117-144). Imago.
- Freud, S. (2006e). A organização general infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In *O Ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925)*, (Vol. 19, pp. 155-161). Imago.
- Freud, S. (2006f). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In *O Ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925)*, (Vol. 19, pp. 273-286). Imago.
- Freud, S. (2006g). Organização genital infantil, uma interpolação na teoria da sexualidade. In *O Ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925)*, (Vol. 19, pp. 155-161). Imago.
- Freud, S. (2006h). Problema econômico do masoquismo. In *O Ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925)*, (Vol. 19, pp. 175-188). Imago.
- Freud, S. (2006i). Feminilidade. In *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos (1932-1936)*, (Vol. 22, pp. 113-114). Imago.
- Irigaray, L. (2018). Este sexo que não é um sexo. In M. M. Baptista (Org.), *Gênero e Performance: Textos essenciais: v. I*. (pp. 61-70). Grácio Editor.

- Jeffreys, S. (2011). *La indústria de la vagina*. Paidós.
- Knibiehler, Y. (2016). *História da Virgindade*. (D. F. Cruz, Trad.). Contexto.
- Kramer, H.; Sprenger, J. (2004). *O Martelo das Feiticeiras: Malleus Maleficarum*. (17ª ed.) (P. Froes, Trad.). Rosa dos Tempos.
- Laplanche, J. (2015). *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2006*.  
Dublinense.
- Laqueur, W. T. (2001). *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. (V. Whately, Trad.). Relume Dumará.
- Malabou, C. (2021). *El placer borrado: clítoris y pensamiento*. Editorial Palinodia.
- Martins, A. A. (2024). Onde está a vulva? Para além da anatomia e da linguagem. *Revista Cult*, 27(303). [https://www.cultloja.com.br/wp-content/plugins/pdfjs-viewer-shortcode/pdfjs/web/viewer.php?file=https://www.cultloja.com.br/getfile/161688/&attachment\\_id=0&dButton=false&pButton=false&oButton=false&sButton=true#page=1&zoom=auto,-13,780lin](https://www.cultloja.com.br/wp-content/plugins/pdfjs-viewer-shortcode/pdfjs/web/viewer.php?file=https://www.cultloja.com.br/getfile/161688/&attachment_id=0&dButton=false&pButton=false&oButton=false&sButton=true#page=1&zoom=auto,-13,780lin).
- Mizrahi, L. (2003). *Las mujeres y la culpa* (4ª ed.). Grupo Editor Latinoamericano SRL.
- Rohden, F. (2024). Novas disputas e intervenções no corpo feminino: fronteiras entre ginecologia e cirurgia plástica. *História, Ciências, Saúde*, 31, e2024006.  
<https://doi.org/10.1590/S0104-59702024000100006>
- Shalev, O.; Yerushalmi, H. (2009). Status of sexuality in contemporary psychoanalytic psychotherapy as reported by therapists. *Jornal Psychoanalytic Psychology*, 26(4), 343-361. <https://cris.haifa.ac.il/en/publications/status-of-sexuality-in-contemporary-psychoanalytic-psychotherapy>.
- Sohn, A. M. (2009). O corpo sexuado. In A. Corbin, J. J. Courtine, G. Vigarello. *História do corpo: mutações do olhar: século XX* (3ª ed., pp. 109-154) (E. F. Alves, Trad.). Vozes.
- Webster, J. (2025). *Sexo e desorganização* (S. Campos, Trad.). Ubu.
- Wittig, M. (2006). *El pensamiento heterosexual y otros ensayos* (J. Sáez; P. Vidarte, Trad.).  
EGALES.
- Zupancic, A. (2023). *O que é sexo?* (R. Bozzola, Trad.). Autêntica.

COMENTÁRIOS DE ROSANE C. S. PEREIRA AO TRABALHO DE JÚLIA ARAÚJO

JORNADA VÍNCULOS DIVERSIDADES E SITUAÇÕES EXTREMAS CIPT

30/08/24

Boa tarde. Estamos na Jornada Vínculos, Diversidades e Situações Extremas, uma oportunidade de construirmos juntos, importantes trocas, reflexões e construções, um momento muito importante para estarmos aqui dialogando sobre essas temáticas fundamentais que transcorrem na sexualidade humana na contemporaneidade e em todo o sofrimento que advém. Agradeço o convite da direção científica para ser comentadora desta mesa: a sexualidade feminina, o corpo e o processo de transição de gênero ou transgênero.

Parabéns, Júlia. Trabalho de uma profundidade e relevância absoluta. Aprendi muito com o teu trabalho. Inclusive, sugiro que publiques num próximo volume da coleção dos livros do Contemporâneo — as bibliografias dos seminários necessitam sempre de atualizações e ainda temos aqui trabalhos que podem ser apresentados nos seminários também; fica aqui a minha sugestão: apresentarem, compartilharem, em outras jornadas, fora do Contemporâneo etc.

Temos uma responsabilidade na transmissão de conhecimentos enquanto psicólogos e estudantes de psicanálise, pois o que se produz tem muita qualidade. Vemos um crescimento exponencial de divulgação de atendimentos com terapias alternativas, práticas sem comprovação científica e nós que tanto estudamos e produzimos conteúdos psicanalíticos de qualidade, sempre achamos que não sabemos o suficiente. Em tempos de mídias sociais todos nós precisamos divulgar mais o nosso trabalho, o Contemporâneo, a psicanálise, principalmente em espaços onde esses públicos que estão em sofrimento, em decorrência de desequilíbrios e experiências traumáticas relativas à sexualidade, bem como, diversidades ou opressões, não têm acesso ao conhecimento profundo e adequado neste sentido. Bem, essa era uma primeira questão que eu gostaria de salientar no meu comentário.

Júlia, querida, bom te encontrar aqui com essa temática tão profunda e que vem antes dos bebês, que foi onde nos conhecemos, da supervisão de bebês, lembra? Então, prazer feminino, esse desconhecido. Ao ler teu trabalho, que aliás sugiro a todas e todos que leiam, fui provocada, desacomodada e fiz muitas reflexões, ora concordando, ora questionando. Mas é um trabalho que traz esta premissa de convidar a pensar sobre, além do feminino, sobre o prazer feminino, sobre o aparelho genital feminino, sobre os pontos de prazer e desprazer. Surgiram algumas reflexões e teu trabalho suscita isso.

Lembro que víamos ao trabalhar com os bebês, na observação de bebês pelo método Ester Bick, aquela clássica contribuição de Winnicott: “Quando o bebê olha nos olhos da mãe e não se vê, na função de espelho, e o que ele vê é ela mesma, este bebê precisa dar conta de si, o bebê precisa dar conta de si mesmo muito precocemente, formando um falso self. Pensei neste falso self hipersexualizado, hiper sensualizado, como uma das hipóteses: ao ser desesperadamente olhada, num segundo tempo, numa segunda chance, numa segunda ou última tentativa de desesperadamente e a qualquer preço SER VISTA COMO UMA MULHER SEXUALMENTE DESEJADA. Numa zona de esperança do olhar de um outro, custe o que custar.

Assim, adquirir uma hipersexualidade, onde a hipótese do hiper erotismo que tu abordas, somados aos elementos instintivos e compulsivos, não representados, podem estar ganhando a cena. Esta é uma reflexão ou hipótese em aberto, não determinista, pois temos que considerar outras questões ligadas a liberação feminina, e tantas outras.

Porém e quando esta “coisa” “HIPER”, pode gerar sofrimento?

Um sofrimento que se sobrepõe aos traumas e ainda mais excessos e experiências não elaboradas de PRAZER-DESPRAZER. Angústias não faladas, silenciadas e repetidas através de “obrigações femininas”, papéis e mandatos culturais. Assim vemos a manifestação desse pressuposto que tu apontas como uma espécie de mercantilismo do corpo feminino. Revoltante, repugnante! O corpo feminino como temos visto, apresenta-se como um elemento no qual sempre teremos que nos debruçar, buscar compreender...são tantos os atravessamentos culturais, marcados pela violência que a cultura impôs ao lugar do feminino... por tantas gerações. E que trabalho corajoso, ousado e necessário, que nos convoca a pensar e a desvendar, pôr em palavra, simbolizar, elaborar um pouco do que tantas gerações e gerações... precisaram calar. Parabéns.